

Continuado da Carta ao Snr. Dr. Casais Monteiro

feito, como Nietzsche, Kierkegaard e o próprio Plotino, mais artistas do que filósofos. (1)

Posto isto, a polémica está definida: o sr. dr. Casais Monteiro e eu somos apenas dois joguetes deste conflito, dois exponenciais caseiros desta mecânica caracterológica e histórica acima muito atabalhoadamente esquisada: dois minúsculos expoentes, em simples reflexo provinciano do grande conflito histórico do pensamento movimentado pelo génio de Mach, dos Poincaré, dos Russel, dos Einstein, dos Heisenberg e outros...

A questão—isto é a polémica—não vale pois, em si, coisa nenhuma; seria ridículo ligar-lhe qualquer importância; mas vale, e grandemente, se algum benefício cultural dêle resultar para o público.

Quanto a Heidegger, nada tenho com isso; foi Rudolfo Carnap que classificou a sua dialética como «um alinhamento de frases sem sentido»; e se a análise lógica da linguagem, depois de uma análise exaustiva da Metafísica, foidou por concluir que toda ela é destituída de sentido, não é a mim que o sr. dr. Casais Monteiro deve pedir contas de tal afirmação: para a rebater tem o dr. Casais Monteiro de arruinar toda a Logística, o que não é coisa fácil. E, além disso, para defender a Metafísica, tem ainda o sr. dr. Casais Monteiro de se haver com os próprios metafísicos, que nos dizem, pela voz autorizada de Hans Driesch, isto a saber: «devemos confessar que a Metafísica até aqui não tem sido coisa séria».

Do sr. Pascoais direi o mesmo que, por exemplo, do sr. Carrel; sei que um é um bom poeta, e o outro um grande biólogo; no entanto um com o seu «S. Paulo» e outro, com o seu «Homem desconhecido», fizeram duas coisas medíocres, banalíssimas, de uma pobreza lastimosa. E a razão é exactamente a mesma. Se V. Ex.^a ou o leitor, a quem conhecer, bastará ler o magnífico trabalho de Filip Frank, «La Fin de la Physique mécaniste», com o excelente prefácio de M. Boll, o qual classifica o livro lamentável de Carrel como «une oeuvre médiocre, qui fit quelque bruit des les profanes».

E o mesmo se poderia ainda dizer de um sem numero de livros e autores de grande nomeada no público, que tem, no entanto, um falso brilho, simplesmente exterior:—o que não impede que os seus autores sejam grandes poetas, grandes historiadores, físicos ou biólogos. (Ver as notas do trabalho referido de F. Frank).

Permita-me V. Ex.^a que termine. O esforço que tenho feito, com todas as

(1) Cf. do autor: Nietzsche e Kierkegaard.

suas imperfeições, que bem conheço, e os seus deslizes, de que me penitencio, tem sido muito maior e muito mais difícil, do que se pode pensar. Não é a mesma coisa escrever um artigo de especialidade e fazer uma síntese acessível com aquela que ultimamente fez, numa conferência sobre Espaço, Tempo, Causalidade, o móço e já notável matemático Ruy Luiz Gomes, o verdadeiro paladino em Portugal do Empirismo-Lógico; a êle, o amigo de Broglie e Levi-Civita, que não a mim, cabe a honra de introdução entre nós da Escola de Viena: e este facto, só por si, revela a lucida visão filosófica do novel e já ilustre matemático.

E concluo repetindo a frase que exprime claramente os meus intuitos: «há isto, queiram reparar». Porque «isto» é nada menos do que uma nova forma histórica do pensamento, uma revolução tão importante ou mais do que a Copérnico, Aristóteles ou Parménides. «Isto» é uma nova concepção histórica do mundo, e das relações do homem com o mundo; «isto», é uma transformação tão capital como a passagem histórica do pré-lógico (mentalidade primitiva) ao lógico, e do pensamento pre-helénico ao greco-europeo. «Isto» é, historicamente, a entrada numa nova era intelectual, que sucede á copernico-newtoniana. «Isto» é a «desagregação do a priorismo», a «desdivinização» e a «deshumanização do mundo», como diz o ilustre Reichenbach; «isto» é o caminho para o absoluto científico, para a objectivação total através da relativização integral; «isto» é a emancipação do objectivo em face do subjectivo, e uma nova crise histórica das relações do subjectivo com o objectivo. «Isto» é o pensamento científico e a filosofia positiva cada vez mais longe e acima do pensamento metafísico, cada vez mais distante do homem moral, da estética, da poesia, da política, do direito, da mística metafísica.

Mas a ciência, isto é, o tautológico e o empírico, NÃO BASTAM AO HOMEM; tem êste necessidades emotivas e estéticas imperiosas; necessidades de auto-afirmação da sua vida profunda, dos seus dramas, angústias, perplexidades, dores; portanto, mais uma vez, à deshumanização e desdivinização do mundo, êle vai opôr novas formas de humanização e divinização do mundo; êsse Objectivo, êle tentará vivificá-lo, pois tal é a lei imperiosa da sua própria vida.

E o conflito entre o Subjectivo e o Objectivo vai reacender-se, reacendeu-se já; êsse conflito paira em toda a parte, está em nós próprios; simplesmente, enquanto uns se esforçam por ter dêle cada vez mais lúcida consciência, outros mergulham automaticamente em cada vez mais obscura inconsciência

dêle. E a razão é que pela força própria das coisas a tendência mística e autística procura na inconsciência do fenómeno o seu próprio apoio e a sua própria ilusão; o que é natural, pois o contrário seria uma contradição insolúvel com a própria natureza da mística, da emotividade e do autismo. Daí um novo e paradoxal conflito do subjectivo e do objectivo; e é preciso por vezes a potência de abstracção, e a lucidez crítica, quasi heróica, de um Einstein, para tirar o conflito da situação que êle, nos fins do século XIX, atingiu. Essa é a grandeza de Einstein, e a razão fundamental da influência filosófica do seu génio e da sua obra; e, assim Einstein, sem fazer filosofia, abalou toda a filosofia e o pensamento clássico.

«Tudo isto» está muito longe de ser compreendido lá fóra, de uma maneira geral, quanto mais entre nós. «Tudo isto», custa a qualquer pessoa penosos esforços, para o compreender, em sua vastidão e profundidade; e quando o compreendeu, fica ainda perplexo ao perceber que muito lhe resta ainda a compreender: e que um esforço tenaz, constante, de todos os momentos, uma reflexão de todos os instantes, lhe é precisa, hoje e sempre, e sem cessar, para continuar o seu caminho, no tratamento dêstes assuntos.

Mas «isto», apesar da sua complexidade e subtilidade, o publico precisa de conhecê-lo, tem direito a conhecê-lo; porque o pensamento não é património de uma elite; e tem de conhecê-lo, como diz o grande matemático Emilio Borel, quaisquer que sejam as dificuldades, as imperfeições e as deformações de uma vulgarização do pensamento científico.

E pois que sinceramente dei a mão à palmatória quanto áquilo em que o sr. dr. Casais Monteiro tem razão, espero que por seu turno me reconheça igual razão—tanto ela é evidente—nos meus esforços em introduzir em Portugal a reforma do pensamento e da filosofia, tanto mais necessaria quanto estanco num país de geral retórica, de logomaquia, de filosofismo e mesmo de frouxa ética intelectual; num país de habitual e enraizada ligeireza mental, de sentimentalismo barato, onde o fado impera, no público, nas artes e nas ciências.

...E onde portanto a linguagem grave que me é exigida, desliza automaticamente para a ironia...

Por forma que, em resumo: ou o meio intelectual se convence de que qualquer coisa de grande e de definitivo, historicamente, se está passando, e se esforça conscientemente por assimilá-lo, ou não o quer fazer; neste último caso, porém, não é contra mim que êle se choca, mas contra os factos: e contra factos que tem o pézo de uma revolução histórica do pensamento. E se o quizer fazer, isto é, se quizer entrar na consciência plena desta transformação, não é em dois dias, nem em dois meses, nem em dois anos, que o poderá conseguir; não é, sobretudo, com algumas leituras, alguns folhetos, e dois dêdos de cavaco, que o poderá fazer: mas com um trabalho tenaz, persistente e reflectido. Por isso